



## Patrimônio arquitetônico, técnicas construtivas tradicionais e diversidade cultural: o caso da residência Voges em Itati/RS

José Daniel Craidy Simões<sup>1</sup>

Jorge Luís Stocker Júnior<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda um exemplar de arquitetura vernacular situado na Antiga Colônia Alemã de Três Forquilhas, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, denominado Residência Voges. O pastor evangélico luterano Karl Leopold Voges (ou Carlos Leopoldo Voges) foi o terceiro pastor protestante a chegar no Brasil e o segundo que se dirigiu ao Rio Grande do Sul e viveu cerca de 67 anos no Brasil, sendo 60 destes na então Colônia de Três Forquilhas. Sua residência foi o local de cultos protestantes por um longo período até a construção do templo luterano, funcionando também como centro comercial e administrativo de toda a Antiga Colônia Alemã de Três Forquilhas. A estrutura originalmente assobradada, foi construída em estrutura de madeira numa manifestação híbrida da tradição construtiva alemã enxaimel/fachwerk com a tradição construtiva luso-brasileira e a cultura afro-brasileira. O esforço de documentação deve-se à iniciativa do núcleo Rio Grande do Sul do ICOMOS Brasil junto a lideranças culturais e políticas locais, com fins de valorização e reconhecimento do acervo regional. A diversidade consolida-se como característica mais marcante desse patrimônio ainda pendente de reconhecimento oficial.

**Palavra-chave:** Arquitetura Vernacular; Enxaimel; Patrimônio Arquitetônico; Patrimônio Cultural; Diversidade Cultural.

## Architectural Heritage, Traditional Construction Techniques and Cultural Diversity: The Case of the Voges Residence in Itati/RS

**Abstract:** The paper discusses a vernacular architecture building located in the Old German Settlement of Três Forquilhas, on the North Coast of Rio Grande do Sul, known as Priest Voges' House. The Lutheran priest Karl Leopold Voges (or Carlos Leopoldo Voges) was the third Protestant priest to arrive in Brazil and the second who went to Rio Grande do Sul, who has lived about 60 years in the German settlement of Três Forquilhas. His residence was the place of Christian Protestant celebrations for a long time until the construction of the Lutheran temple, and was also used as a commercial and administrative center for the entire ancient German Settlement Três Forquilhas. The structure originally was two floors, and was built on a wooden structure in a hybrid manifestation of the German constructive tradition Half-Timber/Fachwerk joined with the Portuguese-Brazilian construction tradition and the Afro-Brazilian culture. The documentation effort is due to the initiative of the Rio Grande do Sul nucleus of ICOMOS Brasil together with local cultural and political leaders, with the purpose of valuing and recognizing the regional heritage. Diversity is certainly the most striking feature of this heritage that is still pending official recognition.

**Keywords:** Vernacular Architecture; Diversity; Immigration; Cultural Value; Urbanism.

1 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Feevale. Mestre em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS).

## Introdução

Território tradicional dos indígenas Xokleng, Kaingang e Guarani, o litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, teve diferentes estratégias de ocupação pelo homem branco de origem europeia implantadas pelas sucessivas administrações, sendo registrados períodos de maior ou menor presença do estado. Entre conflitos sangrentos e delicadas negociações, inúmeras manifestações culturais se sobrepuseram neste território, sucessivamente ocupado por indígenas, portugueses acompanhados por negros escravizados, alemães e mais recentemente nipônicos.

Apesar da história regional vinculada à instalação das “Colônias Alemãs de Torres”, é o contexto de pluralidade étnica que desencadeou fusões culturais, que podem hoje ser reconhecidas como patrimônio cultural. De acordo com Erik Cohen, ao nos referirmos às fusões culturais, estamos reconhecendo os processos de criação de novos produtos culturais “a partir de origens diversas, para que os elementos constituintes preservem, pelo menos até certo ponto, suas identidades separadas.” (COHEN, 2000, p. 44).

As fusões culturais podem ser reconhecidas por meio da análise dos produtos que resultaram da justaposição de elementos de origem cultural diversa. Podem ser experienciadas por produtos de base agrícola característicos do território e, entre outros produtos, pelas características da arquitetura vernacular desenvolvida no local. Os bens arquitetônicos, reconhecidos pela comunidade e poderes públicos, podem adquirir representatividade enquanto evidências do processo histórico ou símbolos de identidade étnica. Entretanto, sob o ponto de vista da diversidade cultural, podemos também compreender melhor o quanto os processos históricos influenciaram a sociedade contemporânea herdeira destas culturas.

No imóvel de arquitetura vernacular conhecido como Residência Voges, objeto deste artigo, é possível verificar que a diversidade étnica dos trabalhadores teve influência direta sobre as soluções empregadas durante a sua construção. Partindo da limitação de acesso aos insumos e do conhecimento de técnicas construtivas tradicionais, emergiram soluções técnicas que só foram possíveis devido a complementaridade das soluções, que tiveram como base a diversidade étnica e cultural dos trabalhadores envolvidos nesta construção.

## O reconhecimento do patrimônio cultural arquitetônico do litoral norte do RS

A partir da constituição de um núcleo estadual do comitê nacional do ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Rio Grande do Sul, efetivada em fevereiro do ano de 2019, a entidade passou a desenvolver uma sistemática de interiorização. Em uma destas iniciativas, em parceria com o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul e um conjunto de mais de vinte entidades, foi realizado em abril do mesmo ano o I Fórum Estadual do Patrimônio Cultural, evento sediado no município de Osório, no litoral norte gaúcho.

A presença de mais de duas centenas de pesquisadores, gestores públicos e mestres da cultura popular teve grande impacto regional e gerou uma série de desdobramentos nos municípios próximos. Poucos meses depois do evento, o núcleo do ICOMOS foi acionado por agentes locais para auxiliar na identificação e preservação do patrimônio arquitetônico dos Municípios de Itati e Três Forquilhas, situados naquela região. Para atender a esta demanda, foi constituído um grupo de trabalho que procedeu a visitas técnicas

e diálogos com lideranças comunitárias e políticas. Identificou-se, a partir daí o grande potencial daquele território para o desenvolvimento de políticas de preservação do patrimônio cultural e da paisagem.

O patrimônio arquitetônico deste território caracteriza-se pela diversidade étnica e cultural, uso de técnicas construtivas tradicionais e uma relação intrínseca com o panorama natural. Neste contexto, foi identificado um imóvel de ampla significância histórica e cultural: A Antiga Residência do Pastor Voges situada no Município de Itati (RS). Dadas as limitações de atuação institucional, o núcleo fez a opção por iniciar um processo de ativação patrimonial (PRATS, 1998) a partir deste bem, visando desencadear o processo de identificação e reconhecimento mais amplo do patrimônio cultural e da paisagem do local.

Com fins de instruir este processo, um parecer foi elaborado pelo grupo de trabalho composto por pesquisadores do ICOMOS-RS com a colaboração de duas lideranças comunitárias atuantes naquele território, tendo início no ano de 2019. Além das visitas *in loco*, foram realizadas pesquisas em fontes primárias e bibliografias específicas, visando documentar o exemplar arquitetônico. O processo, interrompido pelo agravamento da pandemia do SARS-COVID-19 em 2020, foi retomado em 2021, sendo este artigo uma forma de socializar estes resultados.

### Litoral Norte do Rio Grande do Sul e a Imigração Alemã

A criação das Colônias Alemãs no litoral norte do Rio Grande do Sul foi demandada pelo então Presidente da Província José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774-1847), o Visconde de São Leopoldo, dando sequência ao projeto de colonização iniciado junto ao Rio dos Sinos na Colônia Alemã de São Leopoldo. Esta nova colônia integrava o projeto de instalação de um grande porto no litoral que facilitasse a comunicação entre a capital e o Império, propiciando também o escoamento da produção da província (TRESPACH, 2013). A implantação de uma colônia nestas proximidades era, portanto, estratégica.

Em novembro de 1826, aproximadamente 418 imigrantes alemães partiram da cidade de Porto Alegre em cinco embarcações. Navegando através do Guaíba e da Lagoa dos Patos, chegaram à foz do Rio Capivari onde continuaram a viagem por terra até Torres. Lá, após a espera dos trâmites, receberam lotes de terra distribuídos conforme o credo religioso - na Colônia de São Pedro de Alcântara, teriam se estabelecido os católicos, e os protestantes teriam sido alocados na Colônia de Três Forquilhas (HUNSCHE, 1977). Apesar desta classificação, há registros de católicos em Três Forquilhas e de luteranos em Dom Pedro de Alcântara. Os colonos receberam lotes de terras de cerca de 77 hectares, animais, sementes e isenção de tributos nos primeiros dez anos (TRESPACH, 2013).

Juntas, as duas colônias ficaram conhecidas como “Colônia Alemã de Torres”. Atualmente, o território correspondente à antiga Colônia de Três Forquilhas encontra-se dentro dos limites dos municípios denominados Itati e Três Forquilhas. O imóvel aqui estudado insere-se no território de Itati (RS), pequeno município do litoral norte gaúcho com 205,321 km<sup>2</sup> e 2.592 habitantes (estimativa IBGE/2016). O jovem município foi desmembrado do município de Terra de Areia em 1996, tendo completado apenas 25 anos de existência. Itati teve sua primeira gestão administrativa iniciada em 1º de janeiro de 2001.

## Um sobrado e suas diferentes camadas de significados

Na área urbana do município de Itati, cujo território integrava a já referida Antiga Colônia Alemã de Três Forquilhas, encontra-se um bem histórico de arquitetura vernacular conhecido como Residência do Pastor Voges. A edificação é uma evidência histórica representativa dos processos de ocupação no Brasil e no Rio Grande do Sul ao longo do séc. XIX, e pertenceu ao pastor evangélico luterano Carlos Leopoldo Voges e sua esposa Luiza Elisabetha Diefenthaler.

Voges teria nascido em primeiro de outubro de 1801 em Friedberg, na Alemanha, sendo o terceiro pastor protestante a chegar no Brasil e o segundo que se dirigiu ao Rio Grande do Sul (TRESPACH, 2019). O pastor não teve formação teológica luterana completa, havendo informações controversas de que teria estudado em um seminário católico (DREHER, 2003). Viveu cerca de 67 anos no Brasil, sendo 60 destes na então Colônia de Três Forquilhas, onde faleceu em 3 de outubro de 1893 (ELY, 1996). Foi reconhecido como o terceiro pastor Luterano a chegar ao Brasil, tendo atuado em São Leopoldo até novembro de 1826, quando integrou o primeiro grupo de pessoas que foi enviado para colonizar o Vale das Três Forquilhas. Neste local casou-se com Luiza Elisabetha Diefenthaler, filha de um comerciante da encosta da serra.

Após tornar-se cidadão brasileiro naturalizado, Voges assumiu o cargo de administrador das colônias de Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara. Durante este período, elaborou periodicamente relatórios sobre a situação das colônias para o Governo da Província. Voges teria “exercido um poder religioso, administrativo e econômico nas duas colônias, que por sua iniciativa denominava de forma unificada” (ELY e BARROSO, 1999).

Ao analisar a trajetória deste personagem histórico, Witt (2008) afirma que Voges conseguiu unir os poderes simbólicos e materiais principalmente na região da Colônia de São Pedro de Alcântara das Três Forquilhas.

De acordo com Witt (2008, p. 379), ao longo do séc. XVII era

[...] difícil, inclusive, dissociar religião, economia e política, tudo tão imbricado que inviabiliza a desconstrução da rede que Voges montou a partir de sua sede, em Três Forquilhas. Ele serve de parâmetro, de ilustração, quando se usa o conceito de “exponencial” para aqueles imigrantes e descendentes que se destacaram na economia e na política.

Segundo Hunsche (1977, p. 167) a residência concentrou uma diversidade de usos e atividades como escola, hospital e comércio. Durante o período de construção da igreja luterana, os cultos também foram realizados em seu interior. Este espaço seria também o centro comercial de toda a região de Três Forquilhas.

Ao longo de sua trajetória no Vale das Três Forquilhas, o Pastor Voges manteve comunicação com instituições luteranas internacionais. Sua residência foi o local de cultos protestantes por um longo período até a edificação do primeiro templo luterano nas proximidades. A residência é, portanto, também um importante lugar de memória desta confissão religiosa.

**Imagem 1** – O sobrado do Pastor Voges em seu aspecto original, dotado de segundo pavimento.



**Fonte:** Acervo pessoal da família Voges. digitalizada pelos autores, 2019.

Alguns outros usos sociais importantes do imóvel estão associados à esposa do Pastor Voges, Elisabeta Diefenthaler. Informalmente, o local funcionou como uma espécie de escola de economia doméstica, em que mulheres eram ensinadas a fazer costuras, rendas, bordados, cozinhar doces e outros quitutes. Elisabeta também prestava aconselhamento espiritual, integrando as atividades de pastorado luterano naquela comunidade (MÜLLER, 1992).

Müller (2009) descreve o pastor Voges como um defensor da miscigenação cultural por parte dos colonos, uma vez que teria trabalhado pela “inclusão do ensino da língua nacional no educandário por ele mantido e que até então era tido como sendo uma Escola Alemã”. O pastor é apontado como o responsável por trazer professores que trabalharam pela formação bilíngue de crianças e jovens.

O sítio da Residência do Pastor foi complementado com a construção do templo religioso protestante na sua adjacência, o que reforçou a importância daquele lugar como um complexo religioso, escolar, administrativo e comercial. O funcionamento deste conjunto de atividades teve seu auge entre 1850 e 1870.

Devido ao papel de liderança política, educacional, religiosa e até mesmo econômica desempenhado pelo Pastor Voges, sua residência caracterizou-se como um ponto de referência naquele território. A implantação do sobrado em frente a uma cadeia de morros do vale do Rio Três Forquilhas estabeleceu uma relação não apenas de contemplação do cenário, mas de interação com o rio que fornecia a água para as plantações e a subsistência das pessoas e, também, como gerador de energia para a movimentação do antigo moinho construído junto a um braço do rio.

Nas proximidades da residência, remanesce legível o leito antigo do Rio, cuja alteração se deu há algumas décadas após fortes enchentes. Também no entorno imediato está edificada a casa de cultos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, o Monumento do Sesquicentenário da imigração e, no lado oposto da rua, a residência de Adolfo Voges, filho do Pastor Voges.

O primitivo templo de madeira ao lado da residência do Pastor Voges, permaneceu até o início do século XX, quando foi transformado em refeitório. A antiga casa pastoral foi utilizada como moradia da escrava Maria, que “nascera na África por volta de 1825 e fora trazida ao Brasil em 1846, ocasião em que o pastor Voges a adquirira.” (MULLER, 1992, p. 7).

Nos fundos e à direita do sobrado existiu uma espaçosa senzala de madeira, coberta de telhas. Este espaço também foi ocupado por “peões do pastor e tropeiros em viagem” (MÜLLER, 2009, p. 78).

Dos elementos do complexo registrados em desenho elaborado por Muller (1992, fig. 3), encontram-se hoje no local apenas os itens constituintes da construção principal da Residência, o Poço, as baias e os galpões. A atafona, as senzalas, o moinho e a edificação que reunia o refeitório, a cozinha, e os quartos, foram sucessivamente demolidos ao longo das últimas décadas. De acordo com Muller (1992, p. 7),

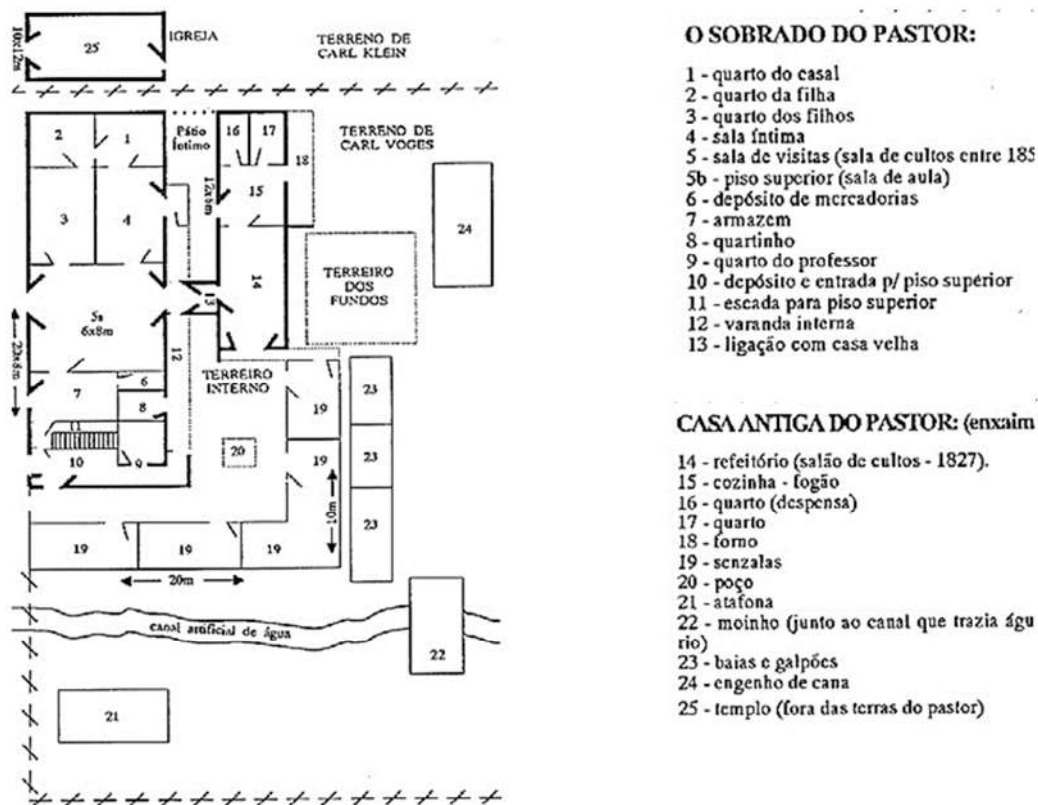
O “Pátio do Engenho” do pastor Voges passara a ser o local de reuniões, escolhido por Maria, da Nação Nagô, quando ela decidira orientar os afrodescendentes da Colônia. Esse “Pátio do Engenho” situava-se a aproximadamente 15 metros da igreja, nos fundos da casa do pastor Voges. O pátio era protegido por um pequeno taquaral e um centenário e frondoso cedro vermelho, sob cuja sombra Maria falava com os seus descendentes e vizinhos negros. Por volta de 1860, ela solicitara autorização para ensinar seus filhos, os filhos de outras escravas da vizinhança e até mesmo mulheres e homens adultos.

Segundo Muller (2001, p. 7), o “Pátio do Engenho” – fundos da casa do pastor Voges - foi um local de reuniões, quando a negra escravizada Maria decidiu ensinar os negros da Colônia. Durante três anos este sobrado abrigou o local de cultos (na sala central). Na ala esquerda Voges instalou sua moradia e na ala direita a atividade do comércio e administração da Colônia. A sala de aula - escola - foi instalada no piso superior e permaneceu em funcionamento até 1893.

Ao final do século XIX, uma força política formada por jovens da região, inspirados por Júlio de Castilhos, organizou a Colônia de Três Forquilhas a partir dos ideais republicanos. Tal movimento desencadeou em 1894 em uma invasão de um grupo de federalistas que se apossou da residência, transformando-a em seu quartel-general. O grupo provocou uma série de conflitos com comerciantes da região, realizando saques e confiscando cavalos para serem enviados ao exército revolucionário que se dirigia à capital federal, Rio de Janeiro.

Tendo funcionado como epicentro político, administrativo, religioso da antiga Colônia Alemã de Torres, a Residência do Pastor Voges constitui-se como principal remanescente edificado deste período histórico. O sobrado foi construído por uma personalidade significativa da história econômica, administrativa, educacional e religiosa da região e do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, caracteriza-se por comunicar valores simbólicos vinculados às manifestações religiosas cristã-protestante e de matriz africana. Ainda que de modo informal, constitui-se hoje como o principal ponto de visita para reconhecimento do território de colonização alemã no litoral norte do Estado.

**Imagem 2** – Representação da planta do sobrado do Pastor Voges no final do séc. XIX



Fonte: MÜLLER, 1992, p. 105.

### Análise Arquitetônica

A escassa bibliografia já produzida sobre a produção arquitetônica das antigas colônias alemãs no litoral norte gaúcho geralmente descreve a arquitetura regional numa situação de combinação entre a tradição construtiva de origem germânica (*fachwerk/ enxaimel*) e a tradição construtiva luso-brasileira. Müller (1992, p. 105) descreve o imóvel como “uma mescla do enxaimel alemão com a técnica da construção açoriana” e, ao demonstrar detalhes da técnica construtiva, denomina de “estilo enxaimel, enriquecido com uma técnica açoriana” (MÜLLER, 1992, p. 106). Posteriormente, acrescentou haver “elementos da técnica adotada pelos negros na África” (MÜLLER, 2009, p. 72). Por sua vez, Weimer (2005, p. 294), afirma não restar dúvida de que “o construtor foi um mestre de obras formado na tradição luso-brasileira”, mas que “a influência do imigrante” se fazia sentir na edificação<sup>3</sup>.

Sobre a combinação de tradições construtivas, foram assinalados por Weimer (2005) como elementos representativos da cultura construtiva germânica na residência do Pastor Voges, os seguintes elementos: a viga mestra que passa, longitudinalmente, sobre as tesouras de Paládio, “uma forma [...] pouco usual na arquitetura nacional e da mais legítima tradição dos povos francos”; e o não enterramento dos cunhais sob a forma de nabos, “seguiu-se a tradição alemã em que os cunhais se apoiam diretamente nas fundações” (WEIMER, 2005, p. 294).

3 Weimer (2005, p. 290) afirmou tratar-se de única edificação enxaimel construída em forma de sobrado no Rio Grande do Sul. Tal informação não se confirma, a partir da existência de outro sobrado naquele território (Casa Jacoby, no município de Três Forquilhas) e a Casa Kaiser, situada no Centro Histórico de Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo (RS).

**Imagem 3** – Senhor Renato, atual proprietário do imóvel, ostentando fotografia histórica da residência em frente a porta de acesso.



**Fonte:** Fotografia de Jorge Luís Stocker Jr, 2019.

Sobre o exemplar em questão, o autor assinala ainda que “o enxaimel não apresenta escoras”, e que “o enchimento dos tramos tem função estrutural, já que os encaixes de madeira se aproximam de uma rótula” (WEIMER, 2005, p. 293). Esta observação poderia colocar em dúvida o uso da denominação “enxaimel” (*Fachwerk*). Segundo Gerner (2007, p. 09), *Fachwerk* é uma estrutura independente e portante construída inteiramente de madeira, incluindo ligações, molduras ou pregos; e cujos fechamentos das paredes não exercem o papel de suportar as cargas. Wittmann (2009), na mesma direção, descreve o enxaimel/*Fachwerk* como uma “estrutura de madeira, que articulada horizontal, vertical e inclinada forma um conjunto rígido e acabado através do encaixe dos caibros de madeira”.

A classificação ou não da residência em questão enquanto *enxaimel* exige, ainda, de uma melhor definição: o termo vem sendo utilizado no Brasil como equivalência direta do alemão *Fachwerk*, e de forma localizada como a tradição construtiva empregada na arquitetura popular de imigração alemã no Sul do Brasil. O *Fachwerk* é uma tradição construtiva que pode ser tomada de forma mais ampla, tendo seus primórdios no atual território alemão durante o período neolítico (WITTMANN, 2009). Evoluiu ao longo dos séculos em diferentes povos, recebendo influências culturais e adaptando-se às características e materiais de cada território. Entretanto, a expressão *enxaimel* na língua portuguesa também é tradicionalmente utilizada para definição genérica de estruturas arquitetônicas de madeira, não necessariamente rígidas ou independentes. Para evidenciar a diferenciação, optou-se pela definição composta de “enxaimel/*Fachwerk*”.

Segundo Lemos (2012), construções de grande envergadura de madeira lavrada não foram inicialmente características da arquitetura portuguesa e, portanto, o ferramental disponível para manuseio



deste material era bastante primitivo, o que acabou sendo passado ao Brasil Colônia pelos lusos. Esta condição se modificou de forma significativa após o grande terremoto de Lisboa em 1755, De acordo com Lemos (2012) durante a reconstrução:

[...] se tomou conhecimento das estruturas “eruditas” dos países nórdicos da Europa e de lá é que chegaram a Lisboa os carpinteiros para ensinar o uso de estruturas então imaginadas para minorar ou evitar os desmoronamentos das construções em outros prováveis terremotos.

Naquele contexto, os engenheiros militares e seus carpinteiros aprenderam a trabalhar a madeira utilizando novas ferramentas e sambladuras; o que eventualmente foi trazido ao Brasil Colônia como novidade na segunda metade do século XVIII e recebeu o nome de pau-a-pique, por possuir “paus roliços verticais cravados ao mesmo tempo nos baldrames e nos frechais [...]” (LEMOS, 2012).

Na arquitetura de tradição construtiva enxaimel/*Fachwerk* produzida pelos imigrantes alemães nas antigas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, Weimer (2005, p. 358-361) aponta uma simplificação em relação ao praticado no território europeu, pois apesar de ter origens diversas, teria aqui evoluído na direção de uma integração formal. Localiza, entretanto, o desenvolvimento de resultados diferenciados naquelas que considera “ilhas teuto-gaúchas”, as colônias de São Lourenço e Três Forquilhas. Sobre a última, que corresponde ao território em que se localiza-se a Residência do Pastor Voges, Weimer (2005, p. 262) descreve uma “nítida influência portuguesa na estruturação do enxaimel que se deve à inexistência de pessoas habilitadas a construir dentro do grupo de imigrantes”. Ainda, atribui-se esta influência à busca de construtores de fora do grupo étnico; e afirma que “quando os filhos dos imigrantes haviam aprendido a construir, intentaram uma volta às formas originais alemãs,” mas “como haviam esquecido alguns conhecimentos, acabaram empregando formas híbridas” (WEIMER, 2005, p. 262).

**Imagem 4** – Visual da residência Voges.



**Fonte:** Fotografia de Jorge Luís Stocker Jr, 2019.

Frente ao exposto, parece plausível localizar no objeto arquitetônico estudado elementos da tradição construtiva enxaimel/*Fachwerk* à partir de diferentes vertentes: aquela trazida pelos imigrantes alemães e expressa nas áreas urbanas e rurais das antigas colônias do sul do Brasil; e também aquela da cultura construtiva luso-brasileira, que absorve alguns princípios do enxaimel/*Fachwerk* de forma tardia no período pombalino. Embora singela, a Residência do Pastor Voges parece representar uma complexa hibridização destes dois contributos.

A historiografia local registra o contexto da construção da Residência do Pastor Voges, elucidando as origens da mencionada hibridização das técnicas construtivas tradicionais. Voges teria mobilizado trabalhadores de diferentes origens étnicas, sendo um açoriano, dois colonos alemães e quatro afrodescendentes. Muller (2009, p. 79) descreveu estes indivíduos e suas atribuições:

Mestre Pedreiro: O açoriano José Pereira de Souza, encarregado pelo trabalho de construção das paredes, que eram levantadas com a ajuda de colonos voluntários. Mestre Marceneiro: Friedrich Dresbach, encarregado pela colocação das paredes internas, a fabricação das portas, janelas e de todo o madeirame de cobertura e cumeeira. Serviço de pau a pique: Trabalho de preparação de barro misturado com pelos de animais foi orientado por Pai Vicente e executado pelos negros libertos Januário, José Custódio e Antônio.

Estes trabalhadores atuaram na construção de outras residências na região após a construção do sobrado do Pastor Voges. Os distintos conhecimentos e tradições construtivas deste conjunto de trabalhadores de diferentes origens étnicas refletiu-se em um exemplar híbrido de arquitetura vernacular enxaimel/*fachwerk*. Lemos (1989) define a arquitetura vernacular enquanto uma expressão cultural feita pelo povo, com seus repertórios de conhecimentos e a limitação de materiais disponíveis; quase sempre rural. No objeto estudado, repertórios e técnicas construtivas distintas dialogam de uma forma peculiar, combinando soluções que remetem simultaneamente a arquitetura tradicional luso-brasileira e a arquitetura vernacular teuto-brasileira, além do emprego de técnicas construtivas vernaculares afro-brasileiras.

**Imagem 5** – Residência Voges em visual à partir da rua.



**Fonte:** Fotografia de Jorge Luís Stocker Jr, 2019.

À partir da volumetria, em especial se considerarmos na sua forma original, tem-se a impressão de um amplo sobrado de arquitetura luso-brasileira. A cobertura, em telhas capa-e-canal com expressivos beirais de cimalha, também remete a esta tradição construtiva. Completam este quadro a forma de estabilização dos cunhais de madeira (afixados junto às fundações) e o emprego de janelas do tipo guilhotina, entre outros aspectos.

Na concepção da estrutura de madeira, em contrário, fica demonstrada uma nítida influência da arquitetura enxaimel/*fachwerk* teuto-brasileira. Alguns dos encaixes empregados nas peças de madeira junto aos baldrames, a já referida disposição da viga mestra no telhado (WEIMER, 2005,), além do delicado trabalho de marcenaria ainda preservado em uma das portas principais, testemunham a influência desta tradição construtiva.

O fechamento dos vãos deixados pela estrutura de madeira parece ter sido inicialmente a taipa de mão, produzida a partir de um gradeado de ripas e preenchido com barro. Müller (2009, p. 79) afirma ter sido “utilizada uma mistura com pelos de animais”, uma técnica de conhecimento dos trabalhadores afro-brasileiros. Poucos vãos ainda subsistem com este fechamento, que foi substituído por tijolos ou por tábuas de madeira. Segundo Müller (2009, p. 79), “argamassa do reboco foi composta com mariscos e conchas”. Esta argamassa foi aplicada de forma uniforme sobre a estrutura na fachada principal, o que explicaria o falquejamento observado nas peças de madeira para proporcionar adesão.

A principal modificação percebida na estrutura concebida originalmente é a supressão de todo pavimento superior, perdendo-se o aspecto de sobrado. As já citadas modificações parciais nos materiais de vedação dos vãos da estrutura, a alteração de algumas esquadrias e a supressão do espaço avarandado aos fundos da edificação também são evidentes. Internamente, as alterações mais perceptíveis estão no acréscimo de paredes de madeira.

## Considerações Finais

O breve levantamento procedido permite atestar a relevância cultural da edificação denominada Antiga Residência do Pastor Voges. Tal imóvel pode ser considerado representativo não apenas da memória da etnia alemã ou da presença do protestantismo cristão no estado do Rio Grande do Sul mas, especialmente enquanto edificação representativa da diversidade e do processo de interação e fusão cultural ocorrido naquele território.

Foi possível situar as origens de cada uma das diferentes tradições construtivas observadas, a partir dos registros existentes a respeito dos trabalhadores envolvidos. Os detalhes e montagens das pedras da fundação executadas sobre a supervisão do mestre pedreiro José Pereira de Souza, de origem açoriana; a estrutura de madeira e esquadrias fabricadas pelo mestre marceneiro alemão Friedrich Dresbach; as vedações de pau-a-pique, supervisionadas por Pai Vicente e executado pelos negros libertos Januário, José Custódio e Antônio; são observados na condição de uma fusão cultural. O objeto apresenta, como intrínseco a sua própria concepção, o valor representativo da diversidade cultural.

O objeto estudado também apresenta uma relação direta com a paisagem natural que a cerca. O panorama do entorno territorializa a percepção do imóvel, tornando possível situar no tempo e espaço

toda a trajetória do período da colonização do litoral norte gaúcho. No território, ainda é possível observar um conjunto de construções remanescentes das diferentes etapas do processo de ocupação do território.

**Imagem 6** – Panorâmica com o vale do Rio Três Forquilhas e o sobrado do Pastor Voges (à direita)



**Fonte:** Fotografia de Jorge Luís Stocker Jr, 2019.

Apesar da relevância dos valores culturais identificados, este bem arquitetônico ainda não tem reconhecimento legal, não sendo alvo de nenhuma política pública por parte das administrações locais, estadual e federal. O mesmo podemos dizer dos demais exemplares arquitetônicos situados nos municípios de Itati, Três Forquilhas e Dom Pedro de Alcântara, no mesmo território da Antiga Colônia Alemã de Torres. A falta de tutela também se estende às demais manifestações culturais e aos bens naturais.

A autoestima destas comunidades em relação ao seu processo histórico ainda não se manifesta na linguagem das políticas de patrimônio cultural. As ações de valorização ocorrem eventualmente com a denominação de ruas e edifícios públicos, construção de monumentos, crônicas em jornais, revistas e livros e na forma da oralidade. O desencadeamento de ações de valorização e salvaguarda do patrimônio cultural junto das comunidades permitiria um saudável processo de autoconhecimento e de potencialização das referências culturais materiais e imateriais presentes naquele território.

Todo este patrimônio arquitetônico remanescente, possivelmente tão representativo da diversidade cultural quando a Residência Voges, encontra-se em sério risco de destruição definitiva antes mesmo de ser devidamente documentado. Desencadear o processo de reconhecimento, documentação e valorização dos bens representativos da diversidade étnica e cultural brasileira pode contribuir para o preenchimento de lacunas históricas de nossa sociedade. O grupo de trabalho formado no âmbito do núcleo Rio Grande do Sul do ICOMOS Brasil aponta para a relevância deste tipo de investigação e de seus possíveis desdobramentos.

## Referências

### Livros

DREHER, M. N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2003.

BARROSO, V. L. M. (org.). **Imigração Alemã 170 Anos - Vale do Três Forquilhas**. Porto Alegre: Edições EST, 1996. pp. 86-87.

ELY, N. H.; BARROSO, V. L. M. **Pastor Carlos Leopoldo Voges - O Patriarca**. Vale dos Três Forquilhas. Porto Alegre: EST, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vale do Três Forquilhas - Veredas, Vidas e Costumes**. Porto Alegre: Edições EST, 1999.

MÜLLER, E. E. **Três Forquilhas (1826-1899)** - I. Fase de Formação da Colônia. Curitiba: Editora Fonte, 1992.

\_\_\_\_\_. **Afrodescendentes da Colônia Alemã Protestante de Três Forquilhas**- Artigo, Estudos Teológicos v. 41, n. 2, EST editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dos Bugres aos Pretos** - Coleção Memórias da Figueira, Volume: III. Curitiba: Editora AVBL, 2009.

HUNSCHE, C. H. **O Ano 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1977.

PRATS, L. **El concepto de patrimonio cultural**. In: Política y Sociedad, v. 27 Madrid, 1998.

TRESPACH, R. **O lavrador e o sapateiro**. Memória, tradição oral e literatura. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013.

\_\_\_\_\_. **1824 - Como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da igreja protestante e de um plano para assassinar D. Pedro I**. São Paulo: LeYa, 2018.

#### **Artigo de periódico publicado em meio eletrônico:**

LE MOS, C. A. C. **Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira**. Arqtextos, São Paulo, ano 12, n. 141.00, Vitruvius, fev. 2012.

WITTMANN, A. **Fachwerk, a técnica construtiva enxaimel**. Projetos, São Paulo, ano 16, n. 187.02, Vitruvius, jul. 2016.

**Submetido em:** 26.08.2021

**Aceito em:** 21.10.2021